

Benedita Kendall na São Mamede



AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA

Valter Hugo Mãe

A pandemia tem criado desgraça e aquilo que não se tem desgraçado é levado a uma singularidade que já não nos espanta, apenas mostra o quanto se torna impossível adiar a necessidade de concretização. Podemos aguardar exauridos pela vacina, pela abertura das ruas, das lojas onde praticamos a indulgência, dos encontros com os amigos, tantas saudades das noites no café, podemos fazer contas e figas mas, a dada altura, não conseguimos mais segurar o que se medita e com que se traduz quanto nos vai no espírito. Contra o mundo, há uma urgência em fazer e manter a normalidade possível, dialogar, regressar à tentativa de responder ao que nos acossa.

Para os artistas isso é claríssimo. Todas as prudências e frustrações do mercado vão sucumbir à simples necessidade de criar, que tem que ver com a vontade de comunicar, entregar o que se cria à sensibilidade dos outros e, quem sabe, ter de retorno notícia de um encontro profundo entre quem fez e quem observou. Por mais que se fechem livrarias e museus, teatros e escolas, por mais que se imponha certo silêncio, a obra que acontece irrompe como a planta silvestre desponta solitária numa brecha ferida no asfalto.

Por estes dias, uma exposição inteira de Benedita Kendall foi simplesmente subida no mural de facebook da Galeria São Mamede. Intitulada *Cenários do quotidiano*, agendada para 3 a 31 de março, é composta por duas dezenas de telas pintadas a acrílico que são ali mostradas como se de uma documentação rápida se tratasse, um arquivo de acervo, um registo para simples memória, mas é, neste instante, muito mais do que isso. É resistência. Inaugurar uma exposição inteira deste

modo não tem que ver com dar de barato mais de um ano de um brilhante trabalho artístico, é uma fúria contra a limitação que nos é imposta e uma sobreposição da arte à necrocólsa em que mergulhamos. Quando a artista e a galeria decidem subir todas as imagens das obras no mural de facebook não estão a desprezar a exposição, estão frontalmente a explicar ao medo que não existe silêncio possível para a Cultura, para o espírito que se justifica apenas na expressão sem cura da sua liberta imaginação.

Julgo estarmos diante de uma das mais vibrantes séries de Benedita Kendall. A meditação acerca do confinamento, a aspiração à rua mas sobretudo a necessidade de nos apaziguarmos com a casa, encontrar saída, a casa feita labirinto para aludir ao absurdo de não se ver caminho, não ser possível imaginar o futuro, haver medo, adiarmos sonhos, adiarmos casamentos como quem adia amores e sucumbe a cansaços contínuos, talvez mais fraturas ainda entre quem outrora se amava e se tolerava, e

um sem-fim de angústias e melancolias. A pintura de Benedita é sempre uma narrativa, procura ilustrar por metáforas situações nas quais nos podemos perfeitamente rever sem que a linguagem se torne explícita, prisioneira de um código prévio. E a história que agora conta é a de estarmos atomizados em pequenos lugares que nos adiam, tendo como ponto de fuga um simbólico céu que parece ser o único jeito de nos escaparmos.

Há qualquer coisa de casa de bonecas nas suas obras. As figuras, as mais das



"Keep calm and carry on II", acrílico sobre tela, Benedita Kendall, 2021

A meditação acerca do confinamento, a aspiração à rua, a necessidade de nos apaziguarmos com a casa, a casa feita labirinto para aludir ao absurdo de não se ver caminho, não ser possível imaginar o futuro, haver medo, adiarmos sonhos

vezes, são tão-só desenhadas, como breves presenças que não se adensam para serem completamente reais. Parecem bonecos de brincar, movidos no espaço do quadro igual à composição que a criança é levada a fazer quando brinca. São figuras quase sempre monocromáticas, como de plástico, miniaturas com que brincamos todos há décadas, e para as quais inventávamos diálogos e movimento, sono ou alegria e tristeza. É perfeito que ponderemos a pandemia como tendo em nós seus brinquedos obrigados à casa. Invariavelmente na casa como se propensas a ser também estáticos e deixar que aquilo que nos acomete seja apenas imaginado. Estamos, como os brinquedos, à mercê. Salva-nos, por outro lado, a oportunidade de também imaginar. Por aí resistimos. Por aí haveremos de ser levados à solução.

Não sei se o incerto dos dias que atravessamos vai permitir que a São Mamede abra as portas. Sei que a exposição existe e está atirada à História do mundo para não ser esquecida. A contingência impôs a singularidade, mas não vai menorizar a importância e menos ainda a maravilha do que Benedita Kendall pintou. Puro testemunho de 2021. A pandemia como ela é. ■